

D. Sarah está empenhada na campanha de Márcia

E acredita que a eleição da filha será a concretização de um sonho do presidente JK

ROBERTO FECURY
Da Editoria de Política

Se estivesse vivo, Juscelino jamais ficaria fora da política. Ele jamais negligenciaria diante da possibilidade de candidatar-se pelo Distrito Federal. Brasília era sua terceira filha, como ele mesmo dizia. Um mês antes de morrer, ele disse a Carlos Murilo, seu primo, que gostaria de ver Márcia na política. Quando ficou definida a representação política, Márcia abraçou a idéia de candidatar-se, sem reservas.

As revelações foram feitas, em entrevista exclusiva, por Dona Sara Kubitschek, ex-primeira dama do País. Ela está empenhada na campanha de sua filha, Márcia, a uma das cadeiras de deputado ao Congresso Constituinte, pelo PMDB, e também na eleição de Carlos Murilo ao Senado, pelo mesmo partido.

Dona Sarah atribui a crescente popularidade de

sua filha à conjugação de três fatores básicos: dom de família, vocação política e reconhecimento de Brasília a seu criador. "Ainda mocinha, Márcia acompanhava as conversas do pai com os políticos, demonstrando muito interesse. Dava palpites que surpreendiam o pai e seus interlocutores. Ao criar esta cidade, Juscelino deu a muita gente possibilidades excepcionais de evoluir em matéria de conceito de vida. De modo que esse reconhecimento do povo de Brasília já era esperado por nós, que plantamos essa nova civilização a partir de uma semente de amor e solidariedade".

A primeira dama do País dos anos dourados vê o Governo Sarney com simpatia: "Desde o primeiro momento, o doutor Sarney mostrou-se à altura de sua dura missão e vem fazendo um esforço enorme para dar o melhor de si para o Brasil. Temos hoje um Governo constituído, e bem constituído, por-

que ele soube se cercar dos melhores elementos. Sarney tirou o Brasil de uma situação estarrecedora para uma nova era de esperança". Ela também se sente satisfeita com Brasília: "O governador José Aparecido devota um amor tão grande a esta cidade que, tenho certeza, o Juscelino, vivo, registraria sua gratidão dedicando-lhe os mais significativos prosélitos". A entrevista.

Ser viúva de Juscelino lhe confere, além das obrigações familiares habituais, a condição especial de administradora de um mito político, ainda não superado. Como funciona Dona Sarah Kubitschek?

Como viúva de Juscelino eu tenho a noção de uma grande e imensa responsabilidade, não só com relação à família, mas também quanto ao Brasil e ao povo brasileiro, porque Juscelino não pertencia apenas a Minas, seu Estado Natal, mas ao País inteiro. Consciente

GILBERTO ALVES



Sarah Kubitschek

disso, eu realmente vejo tudo com muito equilíbrio, com muito carinho e com muito cuidado.

Juscelino morreu acidentalmente, acreditando no restabelecimento da democracia brasileira. Ele alimentava, no recesso do lar, planos de voltar à cena política?

Logicamente, ele pensava em voltar à política. Ele foi um homem que amou o Brasil de uma forma total e absoluta, que pensava o Brasil com amor e grandiosidade. Queria sempre o melhor para o País. Trabalhou incansavelmente nos anos em que teve o privilégio de presidir esta Nação. Pensava, real-

mente, em transformar o Brasil em um país soberano, capaz, inclusive, de influenciar nas decisões internacionais.

Na sua opinião, se o ex-presidente ainda estivesse vivo ele se candidataria a que e por qual Estado?

Se estivesse vivo, Juscelino jamais ficaria fora da política. Ele era essencialmente político. Entrar para a política foi uma decisão, por sinal, independente da vontade dele. Ele se formou em medicina e se dedicou com afinco à profissão, tornando-se um respeitado cirurgião. Foi aí, por incrível que pareça, que começou seu destino político, quando ele fez relações com o general Barcelos, em 1932, e logo depois com Benedito Valadares, que tinha sido enviado por Getúlio Vargas como um apreciador da situação mineira. Tornaram-se amigos e Benedito Valadares, que nunca pensou em ser governador, foi escolhido, logo de-

pois, interventor federal. Ele chamou Juscelino para ser chefe do seu gabinete. Foi aí que tudo começou: Juscelino elegeu-se deputado federal e foi para o Rio. Meses depois, veio o governo Getúlio fechou o Congresso. Juscelino teve que voltar para Belo Horizonte, onde reabriu seu consultório. Mas isso durou pouco tempo, porque Benedito chamou-o novamente para nomeá-lo prefeito de Belo Horizonte. Como prefeito, Juscelino demonstrou sua capacidade de administrador, fazendo um belíssimo governo. Ao constatar que possuía, ao mesmo tempo, capacidade política e administrativa, ele desejou conquistar posições cada vez mais importantes. O próximo passo foi ser governador de Minas.

Acha que ele resistiria à tentação de candidatar-se pelo Distrito Federal?

É uma pergunta difícil de responder. Juscelino tinha um carinho todo especial por Brasília. Acredito que isso daria a ele uma das maiores satisfações de sua vida. Ele jamais negligenciaria, havendo possibilidade de se candidatar por aqui. Ele criou essa cidade. Era a terceira filha, como ele mesmo dizia. Quero registrar que considero fundamental que Brasília ingresse, finalmente, em sua idade política. Antes de morrer, Juscelino disse a Carlos Murilo, seu primo, de uma forma muito clara, que desejava que Márcia entrasse para a política. Isso foi um mês antes de sua morte. Isso se fixou muito no nosso espírito. Quando veio a decisão do Congresso de permitir a representação política do Distrito Federal, Márcia abraçou essa idéia sem reservas. Márcia tem grandes qualidades herdadas do pai e também um amor absoluto a esta cidade, que ela viu nascer desde os seus primeiros momentos. Era segurando na mão dela que Juscelino visitava a obra e perguntava aos candangos: **Como é, isso vai ou não vai?** Essa experiência foi criando dentro de Márcia um compromisso eterno, para com a cidade. Ela quer se eleger à Câmara para trabalhar por esta cidade. Acredito que ela receberá uma votação expressiva até como um reconhecimento das pessoas que moram aqui e até por reconhecimento a Juscelino.

Qual a sua opinião sobre o presidente Sarney?

Desde o primeiro momento, o doutor Sarney mostrou-se à altura de sua dura missão e vem fazendo um esforço enorme para dar o melhor de si para o Brasil. A transição da ditadura para a democracia já é um feito memorável, na medida em que o doutor Sarney conduziu esse processo com muita serenidade. É importante que se veja que esse tipo de processo, em outros países, não se deu de forma pacífica e ordenada como aqui. Em grande parte isso se deve à habilidade do Presidente. Temos hoje um governo constituído, e bem constituído, porque ele soube se cercar dos melhores elementos, como o ministro Dilson Funaro, que soube realizar essa mudança extraordinária que é o Plano Cruzado. Sarney tirou o Brasil de uma situação estarrecedora para uma nova era de esperança.

Que avaliação faz, hoje, desta cidade criada por seu marido?

Há poucos dias, no aniversário do doutor Ulysses, eu dizia: Brasília é uma cidade feliz. Criada e fundada por meu marido, que lhe devotou a melhor de sua capacidade de criação, todo o seu amor e generosidade, hoje é governada por outra pessoa capaz e realizadora que é o governador José Aparecido, sob a presidência serena do doutor Sarney. O governador José Aparecido devota um amor tão grande a esta cidade que, tenho certeza, o Juscelino, vivo, registraria sua admiração, dedicando-lhe os mais significativos prosélitos. O governador convocou para ajudar-lhe as pessoas que ajudaram Juscelino a construir esta cidade: Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Burle Marx. Com isto, o governador mostrou seu cuidado, seu apreço a esta cidade. Talvez no momento, o povo de Brasília não entenda alguns atos seus. Mas eu tenho certeza absoluta de que tudo que ele está fazendo é em benefício da cidade. Ele é um homem notável, digno, dotado de duas qualidades essenciais ao ser humano, que são a honestidade e a sinceridade.

De que forma Juscelino se referia, na intimidade, às críticas que eram formuladas à construção de Brasília?

Juscelino sempre foi um homem muito generoso. Qualquer crítica, ele sempre recebia com humildade. Se elas eram válidas, ele procurava incorporar seu conteúdo. Se eram críticas apaixonadas, sem fundamento, ele passa por cima, sem mágoa e sem rancor. Meu marido foi um homem que se pautou sempre pela grandeza, que perdoou e anistiou seus inimigos. Ele nunca perseguiu ninguém.

Márcia não é o único membro da família a disputar essas primeiras eleições em Brasília. Como situa o rela-